



VIAGEM A PORTUGAL

Lula muda o discurso e prega 3ª via na guerra

Após encontro com o presidente português, em Lisboa, o chefe de Estado brasileiro reafirmou sua disposição de reunir um grupo de "pessoas dispostas a discutir a paz". Mas ouviu do anfitrião que cada país "considera qual é sua prioridade"

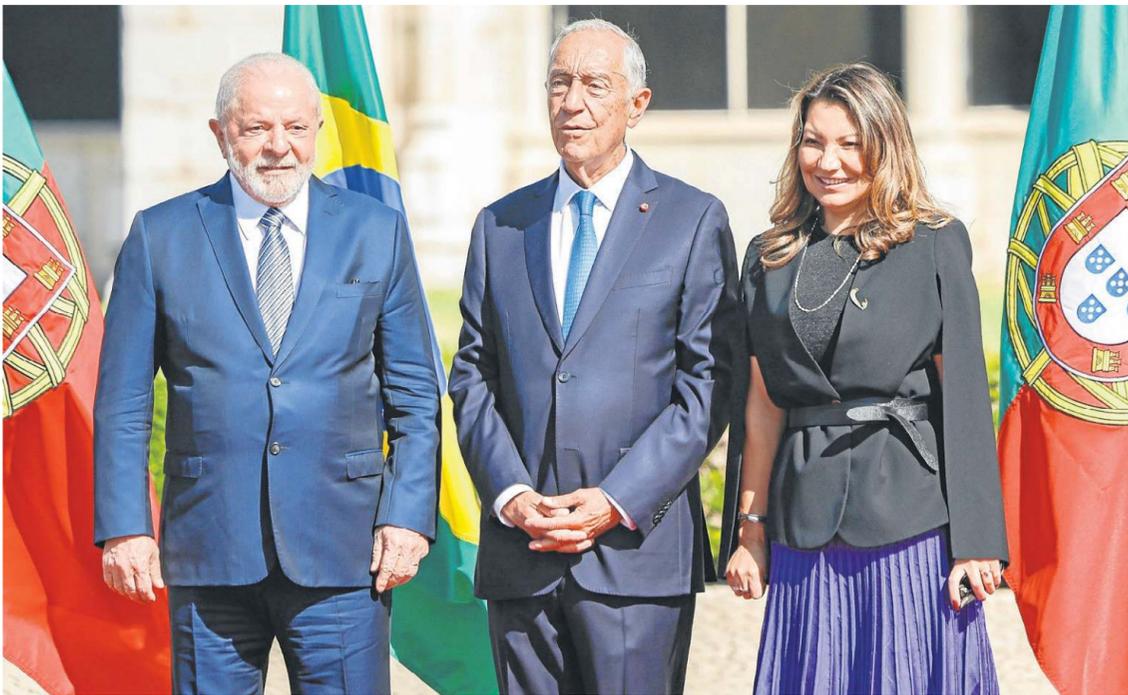
» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Se dependesse apenas da vontade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele só trataria de temas amenos na visita de Estado a Portugal. Mas o líder brasileiro está sendo confrontado com temas geraram enormes ruídos, mesmo antes de ele cruzar o Atlântico. O petista está sendo questionado, principalmente, sobre as recentes declarações de que a Ucrânia é tão culpada quanto a Rússia pela guerra travada entre os dois países e de que a União Europeia e os Estados Unidos têm estimulado o conflito em vez de pregarem a paz.

Na tentativa de desfazer o que o Palácio do Planalto classificou como um mal-entendido, ele disse, ontem, em entrevista coletiva a jornalistas do mundo inteiro, em Lisboa, que nunca igualou a Ucrânia com a Rússia, condenou o país de Vladimir Putin pela invasão do vizinho e frisou que o único lado que defende é o da paz. "Não tenho lado, estou na terceira via, que é o da construção da paz. Ele ressaltou ainda que sabe o que é integridade territorial, e que a Ucrânia, sim, teve a soberania atacada. "Todos acham que a Rússia errou, e já dissemos isso. Infelizmente, a guerra começou. Agora, é preciso encontrar as pessoas dispostas a se sentar para discutir a paz. É isso que estou tentando fazer", assinalou. "A guerra não está fazendo bem a ninguém, o mundo todo está sendo prejudicado, inclusive o Brasil, que compra fertilizantes (da Rússia)", emendou.

Sob pressão dos repórteres, o presidente disse que não aceitará o convite do governo da Ucrânia para visitar Kiev. "Eu não fui à Rússia e não vou à Ucrânia. Eu só vou (à Ucrânia) quando houver possibilidade de efetivamente ter um clima de construção de paz", afirmou. Lula confirmou que enviará o ex-chanceler Celso Amorim, assessor internacional da Presidência, à Ucrânia,

Ricardo Stuckert



O presidente Lula e a primeira-dama, Janja da Silva, são recebidos com honras pelo chefe de Estado português, Marcelo Rebelo, no Mosteiro dos Jerônimos

repetindo o gesto que fez à Rússia. O presidente, porém, recorreu à ironia ao ser questionado sobre o que seria tratado com o governo ucraniano. "Se eu disser, estará tudo nos jornais amanhã. É preciso conversar primeiro", assinalou.

Lula reforçou que não quer agradar ninguém, seu objetivo único é tentar construir uma solução para que Ucrânia e Rússia cheguem a um acordo. Ele afirmou entender o papel da Europa ante a guerra. Contou que esteve com o presidente da Romênia, que tem 600 quilômetros de fronteira com a Ucrânia e que entende perfeitamente a visão dele. "Quando houve a Segunda Guerra Mundial, era difícil acreditar que as pessoas pudessem conversar. Mas houve. Então, acredito que agora também é possível encontrar a paz", frisou.

Visões diferentes

Apesar de deixar claro suas ressalvas em relação à posição do presidente Lula sobre a guerra entre na Ucrânia, o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Souza, preferiu não polemizar com o convidado e amigo. O líder português reforçou sua visão de que a Ucrânia é a vítima e que apoia todas as sanções impostas pela União Europeia e os Estados Unidos à Rússia.

"A posição portuguesa é conhecida por todos, que é não apenas a condenação da invasão russa à Ucrânia, mas também de solidariedade em relação ao povo ucraniano, no que foi uma violação do princípio fundamental do direito internacional previsto na Carta das Nações Unidas. E eu acrescentaria que faz sentido aplicar as resoluções das Nações Unidas

aprovas para maioria esmagadora na Assembleia Geral", afirmou Rebelo de Souza. Na opinião dele, é vital que haja a retirada imediata das forças russas da Ucrânia.

Nesse sentido, acrescentou o presidente português, seu país é solidário com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e com a União Europeia. "Penso que é justo permitir à Ucrânia se defender (com armas doadas) e tentar recuperar um território que foi invadido, com violação da integridade territorial e da soberania do Estado", ressaltou. Mas, para não confrontar diretamente Lula, Rebelo de Souza acrescentou que, se seu país diverge do Brasil em alguns pontos, na maioria das vezes, impera o consenso. "Estamos sempre do mesmo lado, sempre de um modo ou outro, mas, agora (em relação à Ucrânia), cada país considera qual é

a sua prioridade. Para Portugal, aliado da União Europeia e da Otan, a posição é de total apoio à Ucrânia nos vários domínios", destacou.

Segurança reforçada

O presidente Lula foi recebido por Marcelo Rebelo de Souza com honras de chefe de Estado. Sob forte calor, o líder brasileiro passou a tropa em revista, em frente ao Mosteiro dos Jerônimos, que foi fechado à visitação pública.

O que mais chamou a atenção foi o forte esquema de segurança montado para o evento. Pelo menos duas centenas de policiais foram destacadas para a operação. O temor era de tumulto, diante das convocações feitas pelo deputado André Ventura, do Chega, partido de extrema-direita que, sistematicamente, tem atacado o petista.



Não tenho lado, estou na terceira via, que é o da construção da paz"

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

A linha dura imposta pelos policiais, no entanto, não impediu que um grupo de apoiadores do PT se aglomerasse na Praça do Império. Lula, inclusive, rompeu rapidamente o protocolo e acenou para o público. O petista esteve, durante boa parte do tempo, acompanhado da primeira-dama, Janja da Silva, que, na véspera, havia causado polêmica ao deixar o hotel para comprar uma gravata em uma das lojas mais caras de Lisboa, da grife Ermengildo Zegna. Lula usou a gravata, ontem. A assessoria de Janja informou que o presente não foi comprado com cartão corporativo do governo.

A visita de presidente brasileiro a Portugal marca o reatamento das relações com o Brasil. Nos últimos quatro anos, os dois países viveram momentos de tensão. Jair Bolsonaro quebrou a tradição e não pisou em solo português. Mesmo nos governos militares, isso nunca havia acontecido. Em duas oportunidades em que esteve no Brasil, Rebelo de Souza foi maltratado pelo então presidente. Um almoço agendado previamente foi desmarcado e, nas comemorações do Sete de Setembro, Bolsonaro colocou um empresário aliado entre ele e o líder português.

As boas-vindas a Lula incluiu uma visita ao túmulo do escritor Luís de Camões. O brasileiro se ajoelhou ante a lápide, num gesto de respeito. De lá, seguiu para o Palácio de Belém, sede da Presidência portuguesa. Os dois presidentes tiveram um encontro privado e, depois do almoço, participaram da reunião de Cúpula Brasil-Portugal (**Leia na página 4**).

Gafes, estereótipos e crítica a Bolsonaro

Ao lado de um sorridente António Costa, primeiro-ministro de Portugal, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva cometeu uma série de gafes, recorrendo a estereótipos para descrever as relações entre o país europeu e o Brasil. Começou dizendo que nenhum brasileiro conseguiria comer pão se não fosse os portugueses padeiros. Depois, recorreu à miscigenação, falando dos africanos que foram levados para o Brasil por Portugal como escravos.

Dos estereótipos, partiu para o ataque a adversários políticos. Disse que, nos últimos seis anos o Brasil foi governado por irresponsáveis, numa clara alusão aos ex-presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro. "Dá para imaginar o tamanho da irresponsabilidade de quem governou o Brasil nos últimos seis anos. Na reunião (de Cúpula Brasil-Portugal, realizada neste sábado (22/4)) assinamos 11 acordos (na verdade, foram 13). Isso significa dizer que, nesse período, deixamos de assinar ao menos 66 acordos", frisou.

Lula ressaltou que as relações políticas devem ser feitas com toque, contato, olho no olho, mas, de 2018 para cá, a política se baseou em fake news. Por isso, segundo ele, o Brasil não se relacionou com nenhum país e ninguém quis se relacionar com o Brasil. "Nas relações, sempre há divergências, mas mesmo aquelas mais profundas serão resolvidas nas mesas de negociação. Isso é política", afirmou.

GSI e CPMI

O presidente Lula disse que só resolverá a situação do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) quando retornar ao Brasil, na quinta-feira que vem (27/4). "É uma decisão importante, que vou tomar quando voltar", disse. Antes de o líder brasileiro embarcar para Portugal, onde participa de uma reunião de cúpula com representantes do país europeu, o general Gonçalves Dias se demitiu da chefia do GSI. Vídeos do sistema de segurança do Palácio do Planalto mostraram

Ricardo Stuckert/ PR



Lula em Lisboa: segundo dia da viagem teve comentário em relação ao GSI e gafes sobre padeiros e escravos

o general circulando entre os terroristas que depredaram a sede do governo em 8 de janeiro.

Segundo o ministro José Múcio Monteiro, da Defesa, Lula e Gonçalves Dias são muito

amigos. O militar participava da equipe de segurança do presidente antes de ele ser eleito.

"Estamos falando de uma amizade construída há mais de 20 anos", disse. De qualquer forma, a permanência do ex-chefe do GSI ficou insustentável. Agora, reconheceu o ministro, será preciso concluir todas as investigações para que todos os pontos sejam esclarecidos. O governo não quer deixar dúvidas sobre quem são os culpados pela tentativa de golpe que resultou na destruição, além do Planalto, do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso.

O presidente afirmou, ainda, que não cabe ele opinar sobre a decisão da Câmara e do Senado de levar adiante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar os atos golpistas de 8 de janeiro. "Não voto na Câmara, não voto no Senado. Portanto cabe ao Congresso decidir sobre isso", assinalou. O governo vinha se mostrando contrário à CPI, mas passou a apoiar as investigações depois da divulgação dos vídeos envolvendo o ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional. (VN)